

*Eixo Temático 19 – Gênero e Sexualidade na Escola: Novas Ameaças,  
Enfrentamentos e Possibilidades de Resistências*

**AS POTENCIALIDADES E DESAFIOS DO COMPONENTE CURRICULAR  
EDUCAÇÃO PARA SEXUALIDADE SOB AS PERSPECTIVAS DAS/OS  
DOCENTES<sup>1</sup>**

Vinicius Mascarenhas dos Passos<sup>2</sup>  
Marcos Lopes de Souza<sup>3</sup>

**RESUMO**

Nessa pesquisa analisamos a atuação profissional de (ex)docentes da disciplina Educação para Sexualidade, componente inserido nos anos finais do ensino fundamental das escolas municipais de Jequié (BA) no ano de 2005. A produção das informações ocorreu mediante um formulário online e analisamos com base nos estudos pós-críticos, pós-estruturalistas e foucaultianos. A maioria das docentes não escolheram ministrar a disciplina, mas assumiram para complementar a carga horária. A falta de formação continuada sobre essas discussões tem sido questionada pelas/os docentes para romper com a insegurança.

**Palavras-chave:** Currículo, Educação para Sexualidade, Docência, Ensino Fundamental, Resistência.

**CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA...**

Analisar uma disciplina na educação básica sobre sexualidade pode ser considerada incomum e especial, principalmente, por vivermos em tempos que essas discussões são entendidas como impróprias para o ambiente escolar e, portanto, têm sido retiradas ou margeadas do currículo. Apesar desse conservadorismo, no município de Jequié resiste a disciplina Educação para Sexualidade. Esse componente curricular foi

---

<sup>1</sup> Esta pesquisa é resultado de parte da dissertação do primeiro autor que teve seus estudos financiados pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB);

<sup>2</sup> Mestre pelo PPGCEFP da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, [vini-mascarenhas@hotmail.com](mailto:vini-mascarenhas@hotmail.com);

<sup>3</sup> Professor titular do departamento de Ciências Biológicas e permanente do PPGREC e do PPGCEFP da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, [markuslopessouza@gmail.com](mailto:markuslopessouza@gmail.com).

implementado nos anos finais do ensino fundamental das escolas municipais de Jequié, interior do estado da Bahia, desde 2005.

A inserção da disciplina EPS só foi possível devido às brechas do artigo 11 da LDB 9.394/96, que garante uma autonomia pedagógica às escolas, e ao artigo 26 que possibilita com que o currículo do ensino fundamental atenda às características regionais e locais da sociedade, da cultura e da economia das/os discentes (BRASIL, 1996). Portanto, devido ao aumento dos casos de gravidez e Infecções Sexualmente Transmissíveis entre as/os jovens do município de Jequié, foi solicitado a inclusão dessa disciplina na parte diversificada para que houvesse uma redução desses índices (AZEVEDO; SOUZA, 2016).

Devido a esse contexto histórico, a resistência da disciplina Educação para Sexualidade ao conservadorismo nos provoca a problematizar a atuação profissional de algumas/alguns docentes que ministram/ministraram aulas nesse componente curricular entre os anos de 2005 e 2021. Com o fechamento das escolas devido a pandemia da covid-19, no ano de 2020, busquei informações na Secretaria Municipal de Educação (SME) do município de Jequié para conseguir o contato dessas/es profissionais. Apesar de termos conseguido 17 contatos, somente 13 docentes aceitaram participar da pesquisa. As/os educadoras/es que se recusaram a participar informaram que estavam muito ocupadas/os no momento e outras/os não especificaram o motivo.

Para a construção do material empírico, previamente, elaboramos um questionário online, com algumas perguntas fechadas e abertas, que versavam sobre seus dados pessoais, formação acadêmica e atuação profissional a respeito, especificamente, do componente curricular EPS e solicitamos que respondessem. De acordo com Antônio Carlos Gil (2002) esse instrumento possibilita traduzir os objetivos específicos da pesquisa em itens bem redigidos. Apesar dos diversos aspectos abordados, ressaltamos que neste trabalho apontaremos apenas as informações sobre a atuação profissional.

Antes de iniciarmos a produção do material empírico, essa pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Jequié (BA). Além disso, todas/os as/os participantes que desejaram participar confirmaram por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Para a preservação do anonimato das/os participantes da pesquisa, atribuímos nomes fictícios.

Ressaltamos que não nos interessa produzir “verdades” sobre os dizeres das/os participantes da pesquisa, mas situá-la/o sobre alguns aspectos profissionais importantes que nos foram revelados. Dessa forma, analisamos os discursos dos formulários a partir dos estudos foucaultianos, pós-críticos e pós-estruturalistas. De acordo com Michel Foucault (2006), os discursos são elementos estratégicos das relações de poder, fazendo com que os saberes sejam fortalecidos por meio dele.

## **A PRÁTICA DOCENTE: FRAGILIDADES OU POTENCIALIDADES CURRICULARES NA DISCIPLINA EDUCAÇÃO PARA SEXUALIDADE**

Ao serem questionadas/os se escolheram trabalhar com a disciplina EPS, quatro professoras/es (Igor, Tailane, Rosinha e Mônica) responderam sim por estar em sua área de atuação, possuírem afinidade ou gostarem das temáticas que são abordadas. Entre as falas, Igor ressaltou que:

Sim. Porque gosto do tema e acho que o esclarecimento de assuntos ainda considerados tabus sociais, pode evitar problemas sociais, como: gravidez precoce e irradiação de DSTs (Fragmento retirado do formulário pessoal do docente Igor).

Para Igor, esclarecer indica que é necessário trazer luz as/aos discentes sobre gravidez precoce e IST, sendo esses assuntos encarados como desconhecidos por elas/es. Esse aspecto configura como uma correção ou regulação da sexualidade adolescente. Nesse sentido, os estudos de Helena Altmann (2003), Jimena Furlani (2007), Dayanna Brunetto Carlin dos Santos e Debora Cristina de Araújo (2009) que envolvem as questões de gênero e sexualidade, no contexto em que foram realizadas essas pesquisas, foi evidenciado que esse discurso biológico e higienista é comum, em especial, entre docentes de Ciências e Biologia ao apontar, por exemplo, um caráter prescritivo e normativo da sexualidade.

Nesse tipo de abordagem existe uma restrição das discussões aos conhecimentos anátomo-fisiológicos que, frequentemente, produzem medo, desvinculando a sexualidade do prazer e tentando controlar a vivência da sexualidade adolescente. Em contrapartida a esse posicionamento, a professora Rosinha destacou que:

De início não foi uma escolha pessoal, quando assumi a vaga, em agosto de 2019, o antigo professor já ministrava a disciplina. Contudo, optei em continuar a ministrar a disciplina EPS no ano seguinte, ano letivo que foi

interrompido pela pandemia. Fiz essa escolha por ser uma disciplina que tenho afinidade e por acreditar que poderia introduzir discussões de novas temáticas, indo além dos aspectos biológicos (Fragmento retirado do formulário pessoal de Rosinha).

Frequentemente, o discurso biológico tem desvinculado a construção social que está imbricada na produção das identidades de gênero e sexuais (LOURO, 2008). Essa perspectiva tem dificultado o desenvolvimento de uma educação voltada para as diferenças (ALTMANN, 2003), por isso Rosinha entende que a Biologia, por si só, não consegue dar conta da complexidade que envolve a sexualidade. A esse respeito, a pesquisa de Thaís Santos Santana (2020) aponta que, apesar do saber biomédico ser importante, ele não deve ser o único utilizado para (des)construir as discussões do componente EPS.

Apesar de alguns/algumas docentes desejarem ministrar a disciplina EPS, isso não basta para que haja uma (des)construção das diversas temáticas que envolvem gênero e sexualidade e precisam ser abordadas na disciplina. Para isso, entendemos que existe a necessidade das/os professoras/es se debruçarem sobre os referenciais teóricos que discorrem sobre essas questões. Nesse sentido, Mary Neide Damico Figueiró (2006) nos indica que além dos conhecimentos básicos é necessário comprometimento.

Em contrapartida aos que escolheram ministrar a disciplina, a maioria das/os docentes relataram que não escolheram, mas assumiram a função por estar em sua área de atuação, ou por assumir a vaga de um professor antigo que já ministrava e, geralmente, acaba tendo que trabalhar obrigatoriamente para complementar a sua carga horária. No fragmento a seguir, a professora Paula indica que:

No colégio não é escolha. Depende da distribuição da carga horária. Muitos professores se recusam a lecionar apenas educação para sexualidade (EPS) por ser disciplina complementar e com isso acaba sendo dividida entre os professores de Ciências. Em meu caso, por exemplo, desde 2017 estou lecionando no 9º ano. Geralmente os alunos já sabem alguma coisa e fazem perguntas mais relacionadas com a vida sexual, o que causa incômodo em alguns colegas professores (Fragmento retirado do formulário pessoal de Paula).

Por ser uma disciplina que está no núcleo diversificado, EPS acabou se tornando obrigatória nos anos finais das escolas municipais. Contudo, muitas/os professoras/es não assumem a disciplina para ser lecionada, tendo em vista que poucas pessoas escolhem esse componente porque constroem uma afinidade ou interesse por ela. O relato da

professora Paula reforça que muitas/os docentes se recusam a ministrar a disciplina EPS por ser complementar e, por isso, geralmente as/os professoras/es de Ciências a assumem.

Nesse sentido, é possível perceber também que, frequentemente, a EPS é vista como uma sobra de carga horária, mas, afinal, por que essa disciplina se constitui como sobra? Além disso, ainda existe a ideia de um currículo das disciplinas que são do núcleo comum e, por isso, centralizadas e as que são do núcleo diversificado, se constituem como margem. Por entender o currículo como um espaço de disputa, espaço de relações de poder e saber, como o componente EPS foi se constituindo enquanto uma matéria indesejada a ponto de estar à margem das/os professoras/es? As/os docentes preferem ministrar as outras disciplinas por conta da carga horária ou pela temática? Será que ao longo do tempo esse posicionamento vem se mantendo ou há fugas?

Para Paula, os questionamentos das/os discentes sobre a vida sexual causam incômodos em algumas/alguns docentes. Diante disso, Mary Neide Damico Figueiró (2006) e Deborah Britzman (2001) indicam que é comum as/os profissionais da educação argumentarem que não abordam sobre sexualidade pelo receio de terem sua privacidade invadida e pela ausência da formação. Esta é uma questão delicada, por saber que não haverá um trabalho que apresente resultados satisfatórios, não sendo o objetivo da disciplina.

No que diz respeito a falta de formação, Paula afirma que:

A disciplina exige estudo (aperfeiçoamento) e isso o município foi muito eficiente na época que incluiu a disciplina na grade curricular, mas desde 2012 não foi feito nenhum tipo de formação na área. Procuo me atualizar com cursos online e já participei de formações pela UESB (Fragmento retirado do formulário pessoal de Paula).

Acreditamos que a falta de formação para discutir as questões sobre sexualidade pode causar determinado receio, medo e insegurança nas/os professoras/es. De acordo com a professora Paula, o município tem falhado por não oferecer uma formação continuada para essas/es docentes. Em conformidade com isso, as pesquisas de Suse M. M. Azevedo (2013), Suzane N. Cabral (2016), Laís M. de Souza (2017) e Thaís S. Santana (2020) indicam que a falta de formação também é questionada pelas/os docentes. Inclusive, algumas/alguns apontam a dificuldade para abordar alguns temas trabalhados na disciplina EPS.

Ao nosso ver, a formação possibilita com que essas/es profissionais se sintam mais estimuladas/os para abordar a sexualidade em suas práticas pedagógicas, embora não seja garantia de que a/o docente vá desenvolver o seu trabalho. Diante disso, questionamos: por que a Secretaria Municipal de Educação de Jequié (BA) não tem oferecido uma formação continuada para as/os docentes da disciplina EPS? O que desejam com isso? Como possibilitar um ensino de qualidade na falta dessas formações? Sendo assim, faz-se necessário que a disciplina EPS seja encarada com mais responsabilidade e seriedade pela SME a fim de que as/os docentes possam vivenciar espaços formativos relacionados a essas questões.

### **CONSIDERAÇÕES INFINDÁVEIS**

No que se refere à disciplina Educação para Sexualidade, algumas/alguns professoras/es relataram que escolheram ministrá-la pela afinidade temática ou estar na sua área de atuação. Em contrapartida, a maioria não escolheu, mas ministrou para completar a carga horária, fazer parte da área de formação ou assumir a vaga de um docente anterior.

A formação continuada não tem sido proposta pela SME, contribuindo para que as docentes tenham medo e receio de assumir as discussões sobre sexualidade. Esse trabalho também proporciona brechas para que mais pesquisas sejam realizadas sobre a disciplina EPS para compreendermos os aspectos que a fazem resistir.

### **REFERÊNCIAS**

- ALTMANN, Helena. Orientação sexual em uma escola: recortes de corpos e de gênero. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 21, p. 281-315, 2003.
- ALTMANN, Helena. **Verdades e pedagogias na Educação Sexual em uma escola**. 226 f. (Dissertação de Mestrado), Departamento de Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- AZEVEDO, Suse Mayre Martins Moreira. **Estudo investigativo da disciplina Educação para a Sexualidade em escolas da rede municipal de Jequié-BA**. 144f. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) – Jequié, 2013.

AZEVEDO, Suse Mayre Martins Moreira; SOUZA, Marcos Lopes de. O ensino da sexualidade em um componente curricular específico: regulações e escapes. **Ensino em Revista**. Minas Gerais, v. 23, n. 2, p. 367-386, 2016.

BRASIL. Secretaria da Educação Básica. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília: MEC, 1996.

BRITZMAN, Deborah. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2ªed. Belo Horizonte. Autêntica, 2001.

CABRAL, Suzane Nascimento. **Quando a sexualidade invade a escola: um estudo sobre os movimentos da disciplina educação para a sexualidade**. 145f. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) - Jequié, 2016.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. A produção teórica no Brasil sobre Educação Sexual. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 98, p. 50-63, 1996.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação sexual: como ensinar no espaço da escola**. Linhas (UDESC), v. 7, p. 1-21, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Estratégia, poder-saber**. Ditos e Escritos, 2 ed. v. 4, 2006.

FURLANI, Jimena. Sexos, sexualidades e gêneros: monstruosidades no currículo da Educação Sexual. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n.46, p. 269-285, dez., 2007.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 4 ed., 2002.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Proposições**, Campinas, v. 19, n. 2, p. 17-23, 2008.

PASSOS, Vinicius Mascarenhas dos; SOUZA, Marcos Lopes de. **“Sexo é bom, mas tem que prevenir”**: as compreensões de estudantes sobre a disciplina Educação para Sexualidade. 2019.

QUEIROZ, Maria José Sá Barreto. **Estudo avaliativo da disciplina Educação para a Sexualidade em escolas municipais de Jequié-BA**. 108f. (Monografia de especialização), Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié, 2007.

SANTANA, Thaís Santos. **“Você vai adorar a professora, ela é ótima, ela é boca porca”**: discursos construídos na disciplina Educação para Sexualidade em uma escola no campo. 160 f. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) - Jequié, 2020.



SANTOS, Dayana Brunetto Carlin dos; ARAÚJO, Débora Cristina de. Sexualidade e gênero: questões introdutórias. In: Paraná. Secretaria de Estado da Educação. **Cadernos Temáticos da Diversidade/Sexualidade**. Petrópolis: Vozes, 2009.

SOUZA, Laís Machado de. “**Não morreram de amor, morreram de promiscuidade**”: discursos de professoras sobre a interface entre sexualidade e saúde durante momentos formativos mediados por artefatos culturais. 2017. Dissertação (Pós-Graduação em Educação Científica e Formação de Professores de Ciências e Matemática) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié.